

# A NOTRE-DAME DE PARIS

RIO DE JANEIRO. — OS PRIMEIROS ARMAZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS. — RIO DE JANEIRO.

PREÇO FIXO

E A VISTA

RUA

LARGO DE

SÃO

Francisco de Paula

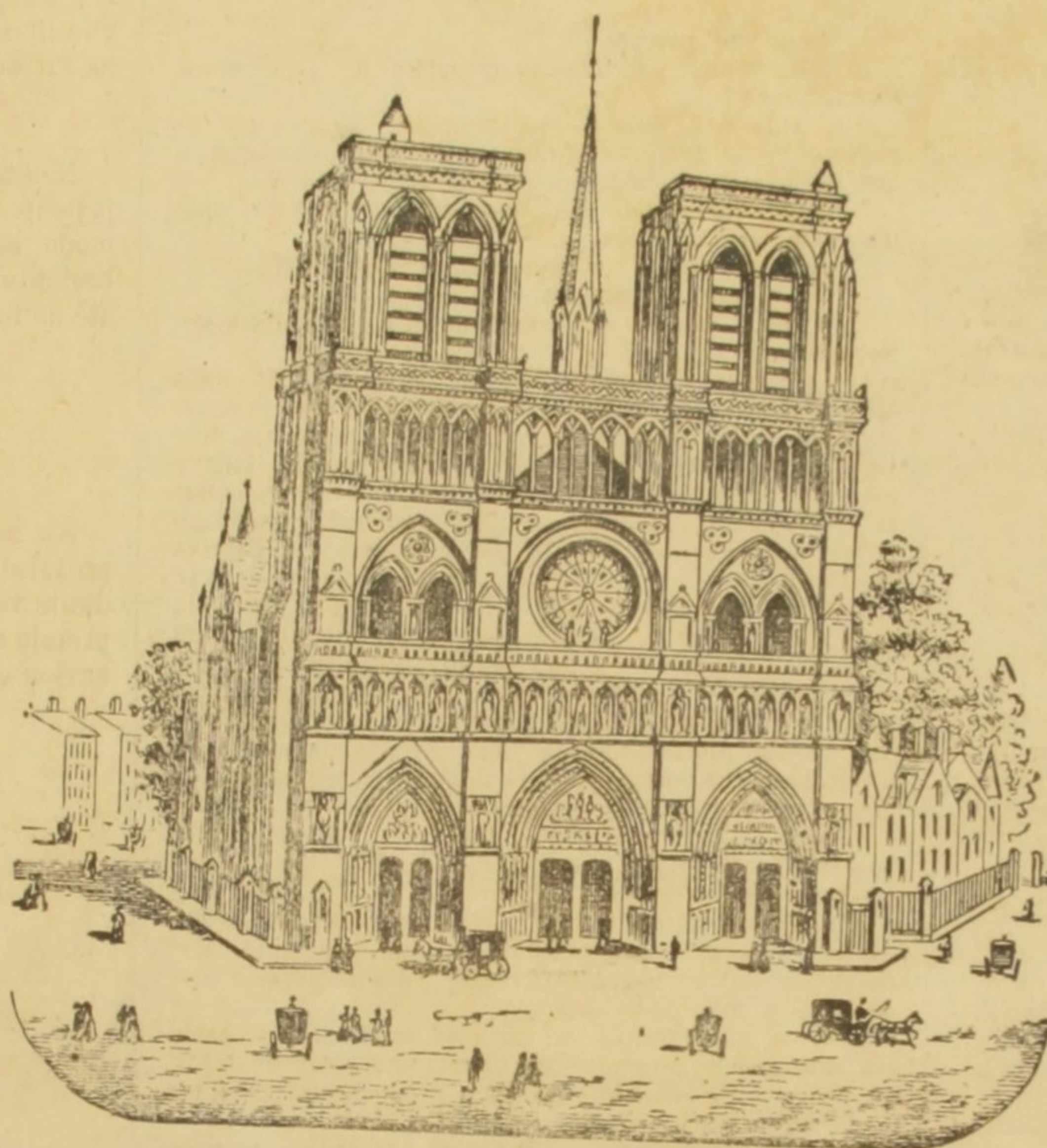
E

TRAVESSA

DO

OUVIDOR

ROSARIO



## NOËL DÉCAP

O systema de vender com pequeno lucro e a maior boa fé é absoluto no estabelecimento de NOTRE-DAME DE PARIS.

A este principio, sincera e lealmente applicado, é devida uma accitação nunca desmentida até hoje. E' franca a entrada no estabelecimento.

Em cada objecto ha um rotulo, no qual se acha marcado em algarismos o *preço fixo*.

Toda e qualquer mercadoria comprada que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem difficuldade trocada ou o seu importe restituído, á vontade do comprador.

Quer se deseje visitar os armazens ou fazer comp'as, quer tomar informações, pedir troca de artigos ou restituição do seu importe, em todos os casos é prescripta aos empregados a maior cortezia. Devem elles pontar qualquer defeito das mercadorias e afiançar tão sómente as reconhecidamente boas.

Roga-se ás pessoas que tiverem de apresentar reclamações o favor de dirigirem-se á *Caixa*, onde serão sempre tomadas em consideração as suas queixas.

A administração remette, livres de despeza, para as provincias, ainda as mais afastadas, as amostras e preços correntes que lhe são pedidos, responde sem demora a todas as cartas, avia com toda a brevidade os artigos encommendados e manda por circular aos seus freguezes e ás pessoas que lhe communicarem o seu nome e residencia aviso das *Exposições e Vendas annuaes*.

Para as encommendas por cartas, taes como confections e costumes, quer para senhoras, quer para crianças, mandar um corpinho que assente bem.



O CASAMENTO DO PRINCIPE FEDERICO GUILHERME

## AS KOSSAS GRAVURAS

## LADY BURDETT COUTTS

A baroneza Miss Angelina Georgina Burdett Coutts, ultimamente fallecida, é uma philantropa ingleza celebre; nasceu a 25 de Abril de 1814. Filha do baronete sir Francis Burdett e neta do rico banqueiro Thomaz Coutts. Herdeira da fortuna immensa de seu avô, foi por vezes pedida em casamento por illustres pretendentes, entre os quaes um Bonaparte. Quiz porem ficar solteira, cõsagrando a vida a fundação de immensas obras de beneficencia e propaganda religiosa. A propria custa levantou numerosas e ricas igrejas em Westminster, Carlisle, etc. fundou bispados na Australia, Columbia Ingleza, e cabo da Boa Esperança; construiu escholae cidades operarias, doou a municipalidade de Londres com o magnifico mercado de Columbia, varios hofarizes monumentaes, etc. Em certas occasiões de crise e fomes publicas, favoreceu a emigração. Tambem animou algumas emprezas litterarias e artisticas. Seus beneficios de toda especie valeram-lhe em Londres e em toda a Inglaterra popularidade immensa.

Em 1871 o governo da rainha agraciou-a com o

titulo de baroneza; a cidade de Londres conferiu-lhe o direito de burguezia; a cidade de Edimburgo praticou da mesma maneira. Após a guerra turco-russo de 1878 a baroneza recebeu do Sultão a grã-cruz de Medjidié, pela parte que tomou na organização dos soccorros aos feridos Turcos; honra esta que nunca antes tinha sido conferida a uma mulher.

## FREDERICO GUILHERME

O quadro que hoje reproduzimos representa um dos episodios do casamento do principe Frederico Guilherme, filho do Principe Imperial da Prussia.

Esta cerimonia uma das mais esplendidas que tem havido n'estes ultimos annos na Europa, deu motivo á festas sumptuosas que duraram oito dias e ás quaes assistiu, além da população de Berlim, milhares de curiosos que tinham vindo para tal fim de todos os pontos do Imperio Allemão. A gravura representa a entrada da princeza noiva, na cidade de Berlim pela porta de Brandeburgo, ao ser recebida e cumprimentada pela municipalidade.

O principe Frederico Guilherme tem vinte e dois annos e sua mulher, a-princeza Augusta de Schleswig Holstein, mais quatro mezes do que o seu marido.

## THEATROS E CONCERTOS

O inverno que começa promette ser fertil em festas, bailes, concertos e espectaculos. A *Estação* não deixará de minuciosamente informar ás suas leitoras do que occorrer, principalmente no que diga respeito ás modas.

Já na noite de 10 do corrente estreiou no theatro D. Pedro II a companhia de Opereta Franceza do sr. Gran com o maior exito.

Anteriormente uma companhia regular de Zarzuela inaugurou no theatro Sant'Anna uma serie de espectaculos, mostrando-se superior ao que aqui temos tido n'esse genero.

No S. Luiz tem satisfeito as exigencias do publico uma excellente companhia dramatica, organizada pela actriz Ismenia, da qual é empresaria.

Deve chegar breve o Ferrari com uma companhia de que dizem maravilhas.

O limitado espaço de que dispomos não permite que nada digamos das companhias Franceza e de Zarzuela; fal-o-hemos no nosso proximo numero e com mais segurança do que hoje poderiamos fazer.



LADY BURDETT COUTTS.

# LITTERATURA

## O CADERNO VERDE

(Continuação)

— Leonel de Chateauvieux não faria melhor! exclamou imprudentemente Mademoiselle de Reuil.  
 — Quem é esse Leonel de Chateauvieux? perguntou M<sup>me</sup> Vergne.  
 — É um fidalgo amigo de minha familia, respondeu Clara hesitando um pouco.  
 — Quero que m'o apresente... E' casado?  
 — Não, senhora; e creio que nunca se casará. Não é assim, Edith? acrescentou, rindo, a moça.  
 — Sou da tua opinião.  
 — E essa opinião é baseada em...? insistiu a emula do Sr de Foy.  
 — Pergunte a Clara, replicou Edith.  
 — Pergunte a Edith, disse Clara.  
 E, visivelmente embaraçada, fallando baixo ao ouvido uma da outra, rindo, enlaçando-se, as moças puzeram-se a valsar, e na valsa se absorveu a resposta a que seus labios fugiam.  
 Nem uma syllaba desse precioso colloquio, nem um movimento das moças, nem a troca de um sorriso, nem uma ruga da fronte, nada escapou a M<sup>me</sup> Baudouin; o nome do marquez, guardou-o na memoria por analogia: *Leon, Leonel, vicar Châtean, Chateauvieux*.  
 Logo no dia seguinte M<sup>me</sup> Baudouin referiu tudo a Ricardo, commentado e augmentado. Chateauvieux, Leonel, marquez, valente entre os valentes, resolvido a não casar... o que se não podia entender com Mademoiselle de Reuil, cuja mão era livre, e deixava, naturalmente, toda honra ou deshonra de semelhante paixão a alguma victima do casamento, desesperada do jugo, mais ou menos desejava de sacudi-lo.

Si o Sr. Cellières esperava informações, tinha-as além de seu desejo. Suffocando-o a colera, o Sr Cellières desviou-a de seu curso natural para sobrecarregar com ella a tia, em vez da mulher, de quem ainda se não atrevia a suspeitar francamente.  
 — Basta! Deixe-me socegado! Sou um homem serio, um homem de negocio, e não comprehendo que me venham quebrar a cabeça com tolices. Está pois escripto que duas mulheres não podem viver em paz de baixo do mesmo tecto.  
 M<sup>me</sup> Baudouin não se julgava todavia uma má mulher: ia á missa e dava esmola aos pobres. Fazer mal a uma mosca, nunca! mas intrigar dous esposos, atirar o sobrinho ao fogo da suspeita e do ciume, eis o que a sociedade protectora dos animaes ainda se não lembrara de prohibir.

Demais, sejamos imparcial, M<sup>me</sup> Baudouin tinha tres ou quatro más razões para coonestar o seu procedimento:  
 1<sup>a</sup>. Sem poder precisal-a, M<sup>me</sup> Baudouin acreditava sinceramente n'uma falta commetida, ou por commetter, em prejuizo do sobrinho.  
 2<sup>a</sup>. Clara de Reuil humilhára-a, desconsiderára-a profundamente no espirito de Edith.  
 3<sup>a</sup>. A propria Edith não a desthronára, não a reduzira a imperar em segundo logar?  
 4<sup>a</sup>. E finalmente, não pedira sobrinha nenhuma; podia bem passar sem ella: bastava-lhe o sobrinho.  
 Muitas infamias, grandes e pequenas, não têm bases tão solidas.  
 Malferido no amor-proprio, alanceado de suspeitas reaes, o corretor começava a maldizer o dia em que se casara.  
 Depois de longos combates consigo mesmo, o Sr Cellières dirigiu-se a uma agencia especial; fez com que acompanhasses os passos de sua mulher, o que não o adiantou nada e custou-lhe muito dinheiro. Verdade é que, nesse jogo vil, não se ganha sinão perdendo.  
 O mal era latente, isto é, escapava a um tractamento especial. Por onde combatel-o? que porta era necessario fechar? Todavia, M<sup>me</sup> de Reuil era como que o symptoma, e Ricardo já não supportava as suas visitas sinão com uma surda impaciencia.  
 — Minha boa Edith, disse elle uma manhã a sua mulher, sabes que já vou tendo ciumes da tua amiga? Talvez não repares; mas Clara quer-te toda para si... Desajava que ficasse um pouco para mim.  
 — Eis o segundo ataque desse gosto. O que lhe fez Clara?  
 — Nada. Eu porém acho-a usurpadora: já não é amizade, é paixão. Todos os excessos acabam pela saciedade; verás que vocês acabam por se aborrecer mutuamente.  
 — Veremos.  
 — Talvez fosse mais prudente não esperar.  
 — Isto já se vae tornando uma perseguição.  
 — Penso que vocês deviam, pelo menos, conceder algum intervallo á manifestação desse affecto.  
 — Precise os dias, senhor, indique as horas...  
 — Não me comprehendes.  
 — É porque o sr é incomprehensível. Que dia devo escolher: a quinta-feira ou o domingo?  
 — O que quizeres. Demais, isto não é uma ordem, é um aviso.  
 Edith olhou para o relógio, como si esperasse a hora de sua liberdade.  
 — O relógio está atrazado, disse ella com um tom secco.  
 — Sim, bem sei, e a Bolsa não espera... Até logo. Não ficas zangada, pois não?  
 Edith estava longe de suppor que a espiavam, mas não ignorava que os verdadeiros ciumentos têm zelos de tudo, e de todos, sem motivo, nem discernimento.  
 — Afinal de contas, pensou Edith, jurci-lhe obediencia, e enquanto não ultrapassar os direitos que hei por bem reconhecer-lhe...  
 Dirigiu-se ao seu quarto e começou a escrever:  
 « Minha boa Clara, deixa de vir ver-me dous ou tres dias; sinto-me doente... Ai, que velhaqueta sou! como si, por estar doente, não viesseis mais depressa! Meu marido e meu senhor tem ciumes de ti, eis a verdade... E' uma tolice, mas assim é... Si fosses Leonel de Chateauvieux

em pessoa não lhe causarias tanto cuidado. Mas descansa, que irei ver-te, e espero... »  
 Estava Edith neste ponto, quando entrou de improviso o Sr Cellières a buscar a sua agenda de algibeira:  
 — Onde diabo a deixei eu?  
 — Não sei, não vi, respondeu a moça com uma voz que tremia um pouco.  
 — Perdão... Interrumpo-te? Um marido deveria sempre annunciar-se... Estás perturbada.  
 — Perturbada, eu? Que idéa!  
 — Escrevias a...? Mas é talvez uma indiscreção?  
 — Não, não é; escrevia a Clara.  
 — Já? e sobre coisas muito interessantes, apósto?  
 — Pelo contrario, grosseiras.  
 — Ora qual!  
 — Não me cabe participar-lhe a sua sentença de proseripção?  
 — Pelo amor de Deus! Essas coisas não se dizem; deixam-se adivinhar.. Vaes fazer com que me tomem na conta de um tyranno... Póde-se ver? acrescentou Ricardo, que insensivelmente se approximára da mesa.  
 — Não, respondeu claramente Edith.  
 Mas já as mausculas lhe tinham saltado aos olhos; o marido lera o nome fatal que o perseguiu como um pezadello.

Passando do pallido ao escarlate, Ricardo estendia o braço para se apoderar da carta, e Edith, mais rapida, fez uma bola e atirou-a ao fogo.  
 Depois, de pé diante do fogão, fulminando o corretor com um olhar de desprezo, quasi de desafio, deu ao papel tempo de se consumir.

Era um desses momentos que podem decidir para sempre do futuro de um casal, porque Edith não era mulher que perdoasse um acto de brutalidade.  
 Comprehendeu-o Ricardo e teve força para dominar a raiva. Além disso, o que poderia dizer ou fazer sem outra base que o nome de um desconhecido? Revelar que o nome do marquez de Chateauvieux lhe era conhecido, era abrir margem a todas as supposições, suggerir todas as desconfianças, fazer com que Edith suspeitasse a tia ligada com o sobrinho; era accender uma guerra intestina, com a qual só lucraria o inimigo... si inimigo havia. O unico meio de tudo saber era fingir ignorar tudo.

(Continua.)

## MOSAICO

- Foi por causa de uma mulher de Thebas que por dez annos houve guerra entre Thebanos e Phocenses.
- Por outra mulher exterminaram-se Messenios e Lacedemonios.
- Causou Helena a guerra entre Gregos e Troyanos.
- David por amores com Bethsabé chorou dia e noite, vio retalhado o seu imperio e succumbiu ás iras de seu filho Salomão.
- Holophernes foi degolado por Judith.
- O principe de Sachem é morto pelo irmão de Diana.
- Anon é assassinado em um banquete pela feroz Thamar.
- Por causa de Lucrecia acabaram os reis em Roma.
- Deu Virginia em terra com o dominio dos decemviro.
- Leocadia por ciume assassinou Antiócho, rei de Sadira.

## ILLUSÕES

E no ether, que em notas se perfuma,  
 As visões se alterando uma por uma...  
 Vão desfiliando assim!...

CASTRO ALVES

Franz era um pintor alemão: — pintor e poeta a um tempo.  
 Pobre de amores, mas rico de crenças, imaginou um quadro.  
 Ao estirar a teta disse elle:  
 — Ponhamos em acção os nossos sonhos?  
 — E a voz do genio segredou-lhe ao ouvido:  
 — Dorme e não sonhes: se sonhares não despertes!  
 Franz não ouviu as fallas do genio e começou no trabalho.

Erguia-se do leito ao surgir da aurora: tomava a palheta e... eil-o na tarefa.  
 Ao fim do tempo necessario estava concluido o quadro: e Franz tinha ante os olhos um primor d'arte.  
 Elle era pintor e poeta: a cabeça concebia e o braço executava.  
 E extatico ante o fructo do labor, horas e horas passava elle murmurando:  
 — Minhas illusões, sorride-me!  
 E as illusões como que sorrião.  
 — Minhas illusões, segui-me!  
 E como que as illusões se desfazião.  
 Franz era presa de vertiginosa hallucinação.  
 Querer que a chimera tome corpo, que o voluvel seja constante, que a mentira seja eterna!?...  
 Transviamento da imaginação — aberração do espirito!

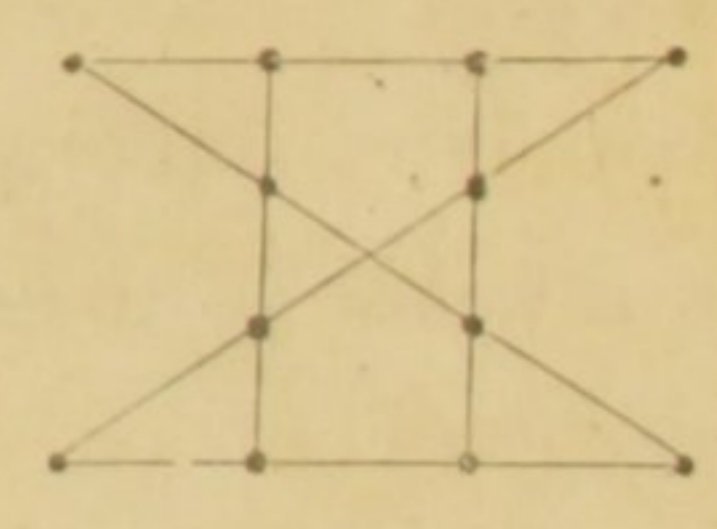
Um dia olvidou-se da contemplação: passou indiferente pela frente do painel.  
 Não pediu ás illusões sorrisos, nem ás illusões chamou. O quadro ficara na officina orphão das caricias do progenitor ingrato.  
 Lisbeth, que amava a Franz, entrou e vio o quadro. Pensamento caprichoso, havia naquella teta imagens de beleza angelica.  
 Lisbeth, anjo tambem, quiz render-lhe preito e, delle approximando-se, quiz devorar em beijos aquelles primores.  
 Os beijos da virgem desfizerão as imagens.  
 Mais tarde entrou na officina Fritz, o louco, e indo ao quadro nelle imprimiu uma camada de tinta preta, emnegrecendo-o completamente.  
 Quando Franz voltou vio o seu quadro inutilisado.  
 Copioso pranto lhe inundou as faces.  
 E em seguida uma estrepitosa gargalhada lhe partio dos labios.  
 Franz estava doudo!

O trabalho do poeta, fructo dos sonhos, inutilisado pela innocencia e completamente destruido pela loucura, estava reduzido ao nada das cousas mundanas.  
 Franz perdia-se no rir dos doudos quando o genio, estreitando-o entre os braços, murmurava-lhe ao ouvido:  
 — Poeta sonhador, pintor imaginario, dorme e não sonhes: e se sonhares não despertes!...

Tu. C.

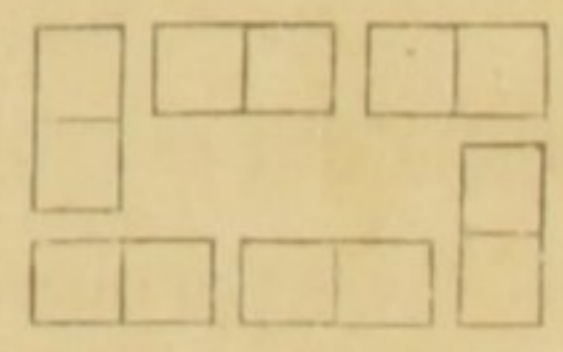
## HORAS DE OCIO

- Recebemos d'esta vez oitenta e duas decifrações exactas. A que primeiro chegou foi a do Illm. Sr. J. B. M. Oliveira, residente em Porto das Flores, o qual pode mandar procurar o premio. Eram estas as decifrações
- 7<sup>o</sup> Carro, Andar, Rixa, Linho, Onda, Sorte, Gordo, Ouvido, Mestre, Estrada, Sapato.  
 Synonymos das palavras dadas e cujas letras iniciais formam o nome *Carlos Gomes*.
- 8<sup>o</sup> A inscripção lê-se de fim para principio e diz: *E' aqui o caminho dos tolos*.
- 9<sup>o</sup>



O premio para os tres novos problemas abaixo é uma assignatura de 6 mezes para o presente jornal.

**10. Problema de dominó**  
 Com seis pedras de dominó, collocadas segundo as regras do jogo, formai o rectangulo aqui figurado, de maneira tal que a somma dos pontos não exceda de 12



**11. Problema arithmetico**  
 Reuni oito e cinco de forma tal que o resultado seja nove.

**12. Metagrammas**  
 Sem liga, Resistente, Penetrante, Limitante.

NEMO.

N. B. A correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a NEMO, no escriptorio da redacção deste jornal.